

valores, obedecendo a
horário certo e revelando
condições próprias, no ili-
mitado caminho da evolu-
ção.

BENEVOLÊNCIA

E — Cap. XV — Item 7

Traduzindo benevolên-
cia por fator de equilíbrio,
nas relações humanas, va-
le confrontar as atitudes
infelizes com os obstáculos
pesados que afligem o es-
pírito, na caminhada ter-
restre.

Aprendamos a sinoní-
mia de ordem moral, no
dicionário simples da na-
tureza:

Crítica destrutiva —
labareda sonora.

Azedume — estrada
barrenta.

Irritação — atoleiro
comprido.

Indiferença — garoa
gelada.

Cólera — desastre à
vista.

Calúnia — estocada
mortal.

Sarcasmo — pedrada a
êsmo.

Injúria — espinho in-
fecto.

Queixa repetida — ti-
rrica renitente.

Conversa desnecessária
— vento inútil.

Preconceito — fruto
bichado.

Gabolice — poeira
grossa.

Lisonja — veneno doce.
Engrossamento — ar-
madilha pronta.

Aspereza — casca es-
pinhosa.

Pornografia — pântano
aberto.

Despeito — serpente
oculta.

Melindre — verme
dourado.

Inveja — larva em
penca.

Pessimismo — chuva
de fel.

Espiritualmente, somos
filtros do que somos.

Cada pessoa recebe
aquilo que distribui.

Se esperamos pela indulgência alheia, consignemos as manifestações que nos pareçam indesejáveis e, evitando-as com segurança, saberemos cultivar a benevolência, no trato com o

próximo, para que a benevolência nos seja auxílio incessante, através dos outros.